

Meu Pai Inesquecível

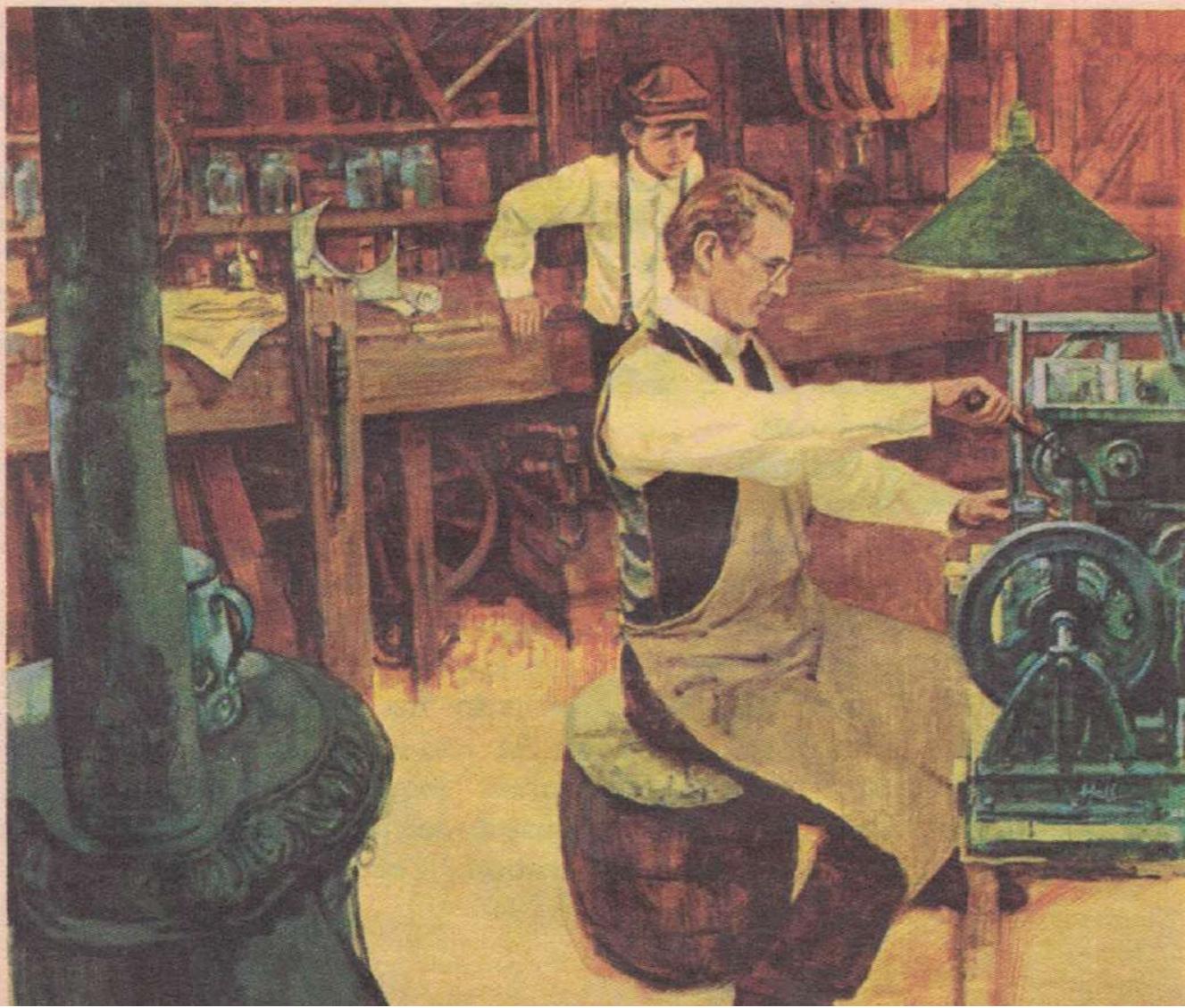
Ele adorava consertar ou inventar coisas, era um daqueles autodidatas que trabalhavam com máquinas no quintal, que tinham uma patente para ser registrada, e cujos sonhos são os fundamentos sobre os quais se construiu nosso mundo

BENTZ PLAGEMANN

CERTA VEZ, quando éramos crianças, meu pai nos encontrou os quatro, quebrando nozes numa barra de ferro, junto da nossa grande casa de madeira branca em Euclid, Ohio. Explicamos-lhe que estávamos ten-

tando tirar as cascas das nozes a fim de secá-las, no sótão de nossa casa, e guardá-las para o inverno.

Papai pensou durante um minuto, e foi para a sua oficina no celeiro. Pouco tempo depois, apareceu com uma máquina, feita com os ele-



mentos mágicos que sempre pareciam estar à mão para ele. Tudo que precisávamos fazer depois era colocar nela uma noz, apertar uma alavanca, e a noz descascada saltava do outro lado.

Costumávamos encarar estas coisas, e o próprio papai, com naturalidade. Havia sempre uma ou outra maravilha saindo da sua misteriosa oficina. Todas as janelas da nossa casa, por exemplo, eram à prova de roubos, com um mecanismo que ele tinha inventado. Funcionava de forma tão complicada que precisávamos aprender tudo de novo cada vez que tentávamos abrir uma janela. Nossa casa e nossas vidas estavam cheias das suas máquinas. Vivíamos, como ele, na absoluta convicção de que, um belo dia, uma das invenções lá da oficina lhe traria fama e fortuna.

Pois, não era assim Ohio quando começou o novo século? Ohio já não tinha produzido inventos revolucionários como o aeroplano, a caixa registradora, o arranque automático do automóvel e até mesmo a aveia em flocos, o primeiro alimento do mundo a ser produzido através de uma máquina?

Quando era menino, muitas vezes me senti como se estivesse vivendo no princípio da criação. Certa vez, papai nos levou ao alto-forno das fábricas de aço. À noite, em Cleveland, quando passávamos pelo velho viaduto sobre fábricas, à margem do rio Cuyahoga, o céu brilhava num crescendo quando o

aço se derramava, variando do róseo ao escarlata, até que o horizonte parecia dançar com as chamas infernais. Lá dentro, víamos o grande cadinho ser levado pelo guindaste sobre as nossas cabeças, parando para derramar o metal derretido nos moldes de lingotes, num rio de fogo líquido, enquanto as fagulhas e a fumaça se elevavam em chispas e rolos. Começamos a chorar, mas papai disse: «O que é isso? Vocês não devem ter medo! Este é o mundo maravilhoso em que vocês nasceram, e vocês precisam aprender a vê-lo.»

Meu pai era um homem magro, de movimentos rápidos, alto e muito louro, com olhos francos e azuis. Sobre o nariz, tinha uma série de sardas azuladas, manchas de pólvora sob a pele. Quando era menino, um dia, enfiara o rosto pela boca de um canhão de brinquedo, que ele havia acendido, para ver por que não disparava. O canhão disparou.

Minha recordação mais antiga é a de esperar pela sua volta do trabalho, quando ele ainda estava acabando seu aprendizado de maquinista na International Harvester Company, em Springfield. Eu costumava correr através de um campo para esperá-lo na esquina. Logo surgia ele de bicicleta, me levantava, e me levava para casa, sentado no guidão.

As ambições de meu pai o deixaram inquieto em Springfield, quando seu período de aprendizagem acabou. Teve de ir para o norte,

onde se desenvolviam as novas indústrias. Conseguiu emprego na Warner & Swasey, em Cleveland. O emprego era bom, mas seu coração e seus sonhos estavam na oficina em miniatura que construiu no celeiro, nos fundos de nossa casa.

E assim meu pai começou uma vida de luta entre a necessidade de sustentar mulher e filhos e a necessidade, não menos imperiosa, de ser independente, de perseguir os próprios sonhos. Sozinho, à mesa da sala-de-jantar, até tarde da noite, com uma cafeteira e livros da Escola por Correspondência, estudava engenharia. Uma vez, acordado pelo aroma do café, esgueirei-me até a sala para ver o que ele estava fazendo. Levantou os olhos do livro e disse: «Por que você está acordado a esta hora? Oh, está bem, venha cá.» Puxou outra cadeira ao lado da sua, e mostrou-me figuras de mapas, diagramas, rodas. «Pense em todas as coisas que ainda não foram inventadas», disse, com os olhos brilhando. «Pense nos problemas, como a fricção e a inércia, que ainda nem sequer foram compreendidos!»

Durante todo o nosso período de crescimento, ouvimos falar dos sonhos de meu pai: um aspirador de pó, por exemplo, que se movesse sozinho. Uma máquina que lavasse os pratos sem quebrá-los. Uma maneira barata de aquecer a casa sem ser preciso se livrar de carvão e cinzas, ou usar combustível que produzisse cheiros e sujeira.

Dentro de algum tempo, seus projetos começaram a crescer e a exigir mais do que o seu tempo de folga. Deixou o emprego na Warner & Swasey, e colocou um aviso na frente da nossa casa: «Concerto Permanente de Automóveis». Era uma jogada meio arriscada. Mas sua mente estava tão cheia de engrenagens, rodas e sonhos de glória, vindos do escritório de patentes, que deu pouca atenção ao risco. Homens como ele, fascinados pelas possibilidades das máquinas, nem sempre eram bem sucedidos. Mas sempre havia exemplos como o de Charles Kettering, que tinha abandonado o emprego numa fábrica para criar o arranque automático na sua própria oficina. E, na mente do meu pai, havia sempre uma nova invenção para substituir qualquer outra que não tivesse dado certo. Havia sempre uma patente à espera.

Foi uma pena, mas os dias do «Concerto Permanente de Automóveis» estavam contados. Não havia ainda carros suficientes nas estradas. Para satisfazer as necessidades familiares, arranjou outro emprego, desta vez com Glenn L. Martin, que estava construindo aviões perto de nossa casa. Agora eu podia correr através de um campo, e realmente ver meu pai trabalhando. Dentro do hangar vazio, onde eram construídos os aviões, havia desordem e confusão, cheiro de óleo nas máquinas aquecidas e homens discutindo com entusiasmo sobre as pranchas de

desenho. Mas o sonho persistia e, em casa, o trabalho continuava na pequena oficina que ele instalara.

Só vi meu pai desanimar uma vez, e isso foi quando começou a Grande Depressão. Já não trabalhava para Glenn L. Martin. Havia nele certa intransigência, típica de pessoas sonhadoras. Não era homem que se integrasse numa organização; não estava preparado para o conceito de *trabalho em equipe*. Mais cedo ou mais tarde, distanciava-se de um elemento importante. Muitas vezes, se retirava quando a aventura estava começando a ter sucesso; quando tudo corria bem, era como se já não houvesse lugar para ele. Então ia embora, com suas esperanças renovadas, para um outro projeto em estágio de desenvolvimento.

Mas, certa manhã, não desceu para o café. Estava doente, disse minha mãe, parecendo preocupada. Ainda estava lá em cima quando voltamos da escola. E ainda lá estava na manhã seguinte.

«Não há nada de mais com seu pai», disse-nos o médico. «Perdeu o emprego, e tem saído a semana inteira tentando encontrar outro. Não há muitos.»

No dia seguinte, quando descemos para tomar café, papai já tinha saído. Quando voltei da escola, ele estava lá. Tinha mandado imprimir uns cartões dizendo: «Consertamos Qualquer Coisa», e, por baixo, uma lista de utensílios domésticos, que ele se sentia em condições de conseguir consertar.

Meu pai e eu fomos deixar esses cartões nas casas vizinhas. Lembro-me da vergonha que senti — e me envergonho hoje por ter tido esse sentimento. Mas, na tarde seguinte, fomos buscar todos os objetos que estavam à nossa espera, e os levamos à nossa oficina para consertar. Eu mesmo os devolvi, e distribuí mais cartões durante a tarde. Essa pequena renda nos manteve até que meu pai arranhou outro emprego numa fábrica, e, mais uma vez, passou a descer as escadas assobiando, para tomar o seu café-da-manhã.

Fiquei impressionado com esse episódio. Aprendi que meu pai não era indomável. Podia sentir-se tão desanimado que não conseguia se levantar da cama. Algumas vezes costume me sentir assim. Mas, quando isso acontece, lembro-me de meu pai saindo naquele dia escuro para mandar imprimir cartões que diziam: «Consertamos Qualquer Coisa».

Um dos artigos-de-fé do meu pai era o de que um homem devia ser aquilo que queria ser. E agiu em conformidade com isso, quaisquer que fossem suas dúvidas sobre o sucesso financeiro de semelhante escolha. Anos depois, quando voltei de muletas, da Segunda Guerra Mundial, encontrei um quarto preparado para mim no andar térreo da casa. Havia uma rampa, dando para uma porta exterior, e uma escrivaninha, onde eu poderia trabalhar como escritor, pois era isso o que eu pretendia ser realmente.

Depois da guerra, meu pai pôde se aposentar e ir de vez para sua própria oficina, concretizar seus sonhos. Este período iria ser tragicamente curto, mas foi uma época de grande atividade. Um produtor local de sementes trouxe-lhe um problema. Enquanto as grandes companhias vendedoras de sementes tinham suas próprias máquinas de produção em massa, ele ainda tinha que fazer os pacotes a mão. Para ele, meu pai construiu uma das últimas máquinas, e quase realizou um sonho de sucesso duradouro. Com partes de utensílios (o aparelho de sucção de um aspirador de pó, uma correia transportadora, um vidro de cola com um pincel rotativo) construiu uma máquina segura e barata para empacotar sementes de jardinagem.

Sua fama começou a se espalhar, e outros vieram. Havia um plantador de fumo. As sementes do fumo eram tão pequenas e valiosas que seria melhor se pudessem ser contadas dentro de cada pacote. Poderia inventar uma máquina que fizesse isso? Veio um fabricante de sabão. Poderia encontrar um modo de embalar sabão em pó em pequenos pacotes, e sem ar?

Nessa época, meu pai estava passando por diversos hospitais, lutando contra o câncer que finalmente o matou; mas tinha sempre a sua prancha de desenhos com ele. Na verdade, estava ocupado demais para se dar ao luxo de ficar doente. Precisava de trabalhar para custear as despesas do tratamento.

Quanto ao ar dos pacotes de sabão, ele me mostrou como tinha resolvido o problema. «Veja como se faz», disse. E, lá na correia transportadora, um pequeno braço se ergueu, quando o pacote se enchia, e lhe deu um pequeno tapa para expelir o ar, exatamente antes de ser selado.

Haveria alguma razão para que as sementes tivessem de ser empacotadas? Não poderiam ser envolvidas em tiras de celofane ou de plástico, ou de alguma outra matéria que se desintegrasse na terra quando plantadas? Podem-se comprar sementes assim, hoje em dia. Não viveu o suficiente para concretizar esse sonho, mas esta era, provavelmente, uma daquelas idéias «no ar» que, em determinada época, um homem de mentalidade criadora poderia agarrar e desenvolver.

Perto do fim, levei-lhe um gravador de fita. Ele queria dar o testemunho das maravilhas que tinha presenciado, das máquinas em que havia trabalhado e que tinha ajudado a trazer, ao mundo, e dos homens que as tinham inventado. Eles construíram a América de hoje. «A terra da oportunidade», eu podia ouvi-lo dizer, «o país onde um homem pode fazer qualquer coisa, e onde pode ser aquilo que deseja ser.»

Certamente que a sala de trabalho onde eu me sento para escrever minhas histórias e onde me instalei para escrever estas memórias a seu respeito são um testemunho desta

crença. Levei anos para compreender que esta sala de trabalho é, para mim, o mesmo que a oficina era para meu pai: uma espécie de laboratório, um centro de experimentação de idéias.

Na sua oficina, quando morreu, havia um último aparelho — uma espécie de máquina empacotadora. Não havia nenhum plano para

ela. Ainda não estava acabada. Ele ainda não tinha eliminado todos os seus defeitos. Esta recusa a desistir é a herança que meu pai me deixou. Existem desapontamentos — mas há uma diferença entre a derrota e o desespero. Deve-se persistir. Pois, na vida de qualquer homem, seu melhor e mais importante trabalho a realizar está sempre no futuro.



ALGUNS MINUTOS antes do início de um espetáculo artístico num hospital militar, durante a guerra, o maestro achou que o piano estava muito baixo para afinar com os outros instrumentos, e mandou quatro serventes buscarem um outro. Depois de transportarem o novo piano até ao palco e feita a troca, um dos serventes pegou numa régua e mediu-o cuidadosamente. «Não digam nada», murmurou ele, «mas esse tem a mesma altura do primeiro.»

— F. G.

QUANDO o Papa João XXIII era núncio em Paris, certa vez visitou um convento na Bélgica, onde lhe foi apresentada uma freira muito alta. «Por favor, reze por mim», ela pediu-lhe.

«A senhora está muito mais perto do céu que eu», respondeu o Papa. «A senhora é que podia rezar por mim.»

— R. H.

COMO PARTE do meu treinamento no Serviço de Informação, eu tive de seguir um soldado, sem ser visto, e fazer um relatório de todos os seus movimentos durante um dia. Acompanhei-o toda a manhã, enquanto ele entrava e saía de loja em loja, na cidade perto da nossa base.

Convencido de que não dera pela minha presença, segui atrás dele até uma esquina — e, ao dobrá-la, vi que o tinha perdido. Já estava quase desistindo de procurá-lo, quando li uma mensagem escrita a giz no pavimento da rua. Dizia: «Fui almoçar. Recomeçarei o seu treino às 14 horas.»

— D. G. K.

DURANTE a crise de combustíveis depois da Segunda Guerra Mundial, uma das moças que trabalhava no meu escritório estava se queixando muito do frio.

«Pensei que o seu sangue jovem a esquentasse», disse-lhe eu jovialmente. «Impossível», replicou ela, com ar triste. «Ele foi chamado a semana passada para prestar serviço militar.»

— W. H. M.